

**ABANDONO SOCIAL E
MIDIÁTICO: as
representações da
criança de rua nas
páginas da revista Veja
São Paulo**

SOCIAL AND MEDIA
ABANDONMENT: the
representations of homeless
children in the pages of *Veja*
São Paulo

ABANDONO SOCIAL Y DE LOS
MEDIOS DE COMUNICACIÓN:
las representaciones de los
niños de la calle en las páginas
de la revista *Veja* São Paulo

Doris Evalyb Martinez¹

Guy Pinto de Almeida Jr.^{2, 3}

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a representação da criança carente e/ou em situação de rua da cidade de São Paulo na revista *Veja* São Paulo. Para atingir o objetivo realizamos uma análise do discurso jornalístico nos textos da revista, entre os anos de 2005 e 2012, relacionando-os aos conceitos de biopolítica, cunhado por Michel Foucault, às teorias sociocognitivas sobre o discurso de Teun Van Dijk e às metáforas como ferramentas sociocognitivas de George Lakoff e Mark Johnson.

¹ Doutora pela Universidad Autónoma de Madrid. Catedrática de Estudos Hispânicos associada da Universidade de Porto Rico. Seus temas de investigação são imprensa de guerra, a migração, o discurso e a saúde. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa – certificado pelo CNPq – Comunicação, discursos e biopolíticas do consumo da ESPM. E-mail: dmartinez01071966@yahoo.com.

² Mestre e Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM. Pesquisador do Grupo de Pesquisa – certificado pelo CNPq – Comunicação, discursos e biopolíticas do consumo da ESPM. E-mail: guyalmeidajr@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade de Porto Rico. Recinto Universitario de Mayagüez. Departamento de Estudios Hispánicos, Edificio Chardón, Oficina 503, Call Box 9000, Mayagüez PR 00681-9263. Porto Rico.

Como resultados, identificamos que a representação das crianças na revista é regida por dinâmicas de exclusão e marginalização, por meio de um discurso baseado em moralização, ideologia do consenso (FOWLER, 1991), criminalização e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Representação; Criança de rua; Biopolítica; perspectiva sociocognitiva.

ABSTRACT

The article aims to analyze the representation of needy and/or homeless children of São Paulo in the magazine *Veja São Paulo*. To achieve the goal we conducted an analysis of journalistic discourse in the magazine's texts, between the years 2005 and 2012, relating them to the concepts of biopolitics, coined by Michel Foucault, the socio-cognitive theories of discourse Teun Van Dijk and metaphors as socio-cognitive tools of George Lakoff and Mark Johnson. As a result, we identified that the representation of children in the magazine is governed by the dynamics of exclusion and marginalization, through a discourse based on moralizing, and the consensus ideology (FOWLER, 1991), criminalization and exclusion.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Representation; Street child; biopolitics; socio-cognitive perspective.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar la representación de los niños necesitados y / o de las calles de São Paulo en la revista *Veja São Paulo*. Para lograr el objetivo se realizó un análisis del discurso periodístico en los textos de la revista, entre los años 2005 y 2012, relacionándolos con los conceptos de biopolítica, acuñado por Michel Foucault, las teorías socio-cognitivas del discurso Teun Van Dijk, y las metáforas como herramientas socio-cognitivas de George Lakoff y Mark Johnson. Como resultado, identificamos que la representación de los niños en la revista se rige por la dinámica de la exclusión y la marginación, a través de un discurso basado en la moralización, y la ideología de consenso (Fowler, 1991).

PALABRAS CLAVE: Análisis del Discurso; Representación; Niños de la calle; Biopolítica; perspectiva socio-cognitiva.

Recebido em: 11.02.2016. Aceito em: 19.03.2016. Publicado em: 30.05.2016.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a representação da criança carente e/ou em situação de rua na cobertura jornalística da cidade de São Paulo, realizada entre 2005 e 2012. Para alcançar tal objetivo, empreendemos uma análise dos discursos jornalísticos nos textos publicados na revista *Veja São Paulo*. O período escolhido para a análise se deve ao fato de que, à época, estava em vigor na cidade de São Paulo o *Projeto Nova-Luz*. Este tinha por meta a revitalização do bairro da Luz no Centro de São Paulo. Porém, para além da revitalização urbana, o projeto propunha uma nova abordagem para o uso do espaço urbano, especialmente sob os aspectos da ocupação do solo e das práticas de consumo na região. Desta forma, ao mesmo tempo que a proposta entendia ser necessária a supressão da chamada *Cracolândia* – região com alto consumo de *crack* –, buscava elitizar o comércio e o padrão residencial do local. Diante desse contexto, coube a nós o questionamento: o que seria dos moradores de rua que viviam na região?

Muitas vezes, um dos aspectos evidentes do espaço urbano deteriorado é a presença de mendigos. Por conta disso, tínhamos a expectativa que questões ligadas ao morador em situação de rua (sem-teto), viesse à tona como um valor-notícia. Entende-se por valor-notícia os critérios que dão noticiabilidade a um fato, ou seja, que diferem os fatos que ocorrem no mundo, daqueles que geram interesse público (SODRÉ, 2012).

Atualmente, segundo os resultados do Censo da população em situação de rua da cidade de São Paulo, 2015 (PREFEITURA DE SÃO PAULO; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE; SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – SMADS, 2015), há 15905 pessoas em situação de rua, sendo que 505 são crianças e adolescentes, com até 17 anos de idade. Embora o percentual desta parcela não chegue a 4% do total, tivemos interesse em investigar o

tema, pois a questão da infância está sempre presente no agendamento da mídia brasileira.

Procedimentos teóricos-metodológicos

Para realizarmos a investigação, teremos como base a Análise de Discurso. Desta forma, analisaremos não somente o que está no texto em si, mas para além dele, inserido em um contexto no qual atuam a o contexto histórico, o social e ideológico. O discurso, enquanto palavra em movimento, realiza um trabalho social, materializando esses conceitos na linguagem, como aponta Orlandi (2009). Também nos apoiaremos aos conceitos de biopolítica de Michel Foucault, às teorias sociocognitivas sobre o discurso de Teun Van Dijk e às metáforas como ferramentas sociocognitivas de George Lakoff e Mark Johnson.

Teorias do Discurso: espaços, representações sociais, modelos mentais, perspectiva sociocognitiva e metáforas

O discurso está intrinsecamente ligado ao poder, pois ambos articulam ou possibilitam a construção da identidade e da realidade social, assentando-se nas crenças individuais e coletivas. Em termos históricos e sociais, o discurso como instrumento de poder e construtor de identidades move-se entre polos opostos, que até certo ponto são complementares, estes são os discursos de dominação e os discursos de resistência. O indivíduo e os grupos constituem suas identidades em um contexto de lutas de poder discursivo, onde, como indicam Pierre Bourdieu (1991) e Michel Foucault (2002), as habilidades e oportunidades para falar são distribuídas, de maneira desigual no âmbito social. A esta metáfora mercantilista e polarizada sobre o ordenamento e a desigualdade discursiva, onde certos discursos negociam altos rendimentos e outros se mantêm depreciados, se soma outra sócio-discursiva

polarizada e cunhada por M. A. K. Halliday (1978) em seus conceitos: *Sociedade e Antisociedade*.

Segundo Halliday (1978), a *Sociedade* está constituída por grupos que dominam a produção do capital econômico, cultural e a produção das variedades discursivas legítimas. Esses têm o poder discursivo para definir: os espaços de interação, as identidades e as relações sociais. Em relação à *Antisociedade*, o autor enuncia que esta articula igualmente o poder, a saber, os grupos que a conformam exercem seu poder de definição discursiva na construção de espaços, relações e identidades sociais. Não obstante, esses grupos e os discursos que produzem são considerados pela *Sociedade* como suas antíteses, de maneira os grupos da *Sociedade* definem os grupos da *Antisociedade* e seus produtos discursivos como marginais, proibidos e ilegítimos.

A construção do grupo da *Antisociedade* das crianças em situação de rua a partir da *Sociedade* (o jornalista locutor) é gerada num contexto das forças e lutas discursivas. O jornalista, como a imprensa, exerce seu poder discursivo no momento de se autodefinir e definir ao outro. O exercício do poder discursivo provém de sua necessidade de interpretar e proteger sua existência: reduzindo informação, classificando ações, relações e sujeitos. Expressa seu sentimento e participação na construção discursiva, mediante a expressão de conhecimento, atitudes, valores e sentimentos definidos. A partir da perspectiva de Fowler (1991), o posicionamento do jornalista provém da necessidade de participar discursivamente na construção do consenso ou da ideologia do consenso. A ideologia do consenso constitui um 'Nós' que se estabelece por meio do discurso jurídico, mas sobretudo no discurso da opinião pública, onde muitas ideias e comportamentos são condenados e descritos como fora do consenso. Assim, a pessoa que não cumpre com os valores do consenso ideológico é excluída, marginalizada e reprimida. O intolerante se fortalece

dentro de uma sociedade na qual considera que os únicos interesses culturais válidos são os dele.

Enquanto em termos da teoria da genealogia do poder de Foucault, as representações são produtos de um constructo histórico, a partir de uma perspectiva discursiva sociocognitiva tenta-se explicar que esses discursos de poder são produzidos por uma dinâmica pessoal e social, na qual interveem processos cognitivos individuais e complexas representações (interpretações) sociais, Van Dijk (1998) assinala que o indivíduo elabora modelos mentais pessoais sobre situações, indivíduos e grupos. Os modelos mentais são únicos, já que respondem à experiência pessoal de cada um. Constroem-se por experiência ou de maneira mediatizada, ou seja, por meio de um discurso. Neste sentido, as representações nos textos que examinaremos constituem modelos mentais pessoais que são influenciados por aspectos sociais, como as ideologias. Se os modelos mentais são a representação individual, as ideologias e os discursos dos grupos conformam as representações sociais sobre situações, indivíduos e grupos, as mesmas, por meio do discurso, influenciam na construção dos modelos mentais pessoais. Neste sentido, enquanto os modelos mentais respondem a história pessoal de cada indivíduo, estes são influenciados pelas representações sociais geradas pelas ideologias que circulam através dos discursos sociais. Um modelo sociocognitivo, como sugere Van Dijk (1998), permite aprofundar no mecanismo que articula a construção pessoal do discurso dos indivíduos, ancorando o 'Eu', sua percepção, sua representação das coisas e sua relação com o âmbito social, como no caso da reconstrução discursiva da identidade que realizam sobre as crianças de rua.

Van Dijk (1998) ainda indica que as ideologias articulam crenças de carácter *factual*, o conhecimento (conhecimento grupais que o grupo valoriza como irrefutáveis, como no caso do conhecimento comum "*common ground*", compartilhado pelos grupos que constituem a mesma cultura) e as crenças de carácter

avaliativo, atitudes ou opiniões sociais. Estas, por definição social e compartilhada, manejam as interpretações sociais do grupo. As ideologias são axiomas que conformam sistemas formais compartilhados pelo grupo, organizam e controlam o conhecimento e as opiniões particulares do grupo. As ideologias se articulam discursivamente em termos de representações sociais que se organizam em esquemas e são aplicadas a ações, situações e grupos. A saber, exercem controle sobre o conhecimento e as opiniões sobre os eventos, ações e sujeitos. Sua incidência nos modelos mentais pessoais se assenta na necessidade que têm os falantes de usar as representações sociais para construir o sentido de sua realidade. Como resultado, o jornalista, em suas representações sobre as crianças de rua, reproduz em seu modelo mental representações dominantes do discurso de poder ou, como indica Foucault (2002), da biopolítica e do poder, gerado no conhecimento das disciplinas.

No século 19, o Romantismo e a Filosofia descobrem a irracionalidade da linguagem nos textos e, como consequência, a metáfora se converte num objeto de estudo e, é considerada como um desvio da linguagem ordinária. Giambattista Vico (1999) é um dos poucos acadêmicos que no século 18 que assinalou a importância da linguagem e da metáfora na construção da realidade social e política, porém, seu trabalho foi escondido pelos empiristas e só foi reconhecido nas últimas décadas do século 20 pela semântica cognitiva, pelos linguistas e analistas críticos do discurso como Sontag (1996), Lakoff e Johnson (1991), e Chilton (1987). Este último indica que para Vico a linguagem é o meio no qual as sociedades se constituem e produzem seus significados dentro de um contexto histórico determinado. Vico também considerava que a realidade social era criação dos homens e que, como consequência, segundo Chilton (1987), sua base constitutiva é a mente humana. Esta relação, que Vico destaca, vincula as instituições políticas e os processos cognitivos através do discurso. Para Vico, a metáfora é um processo de compreensão ou

entendimento e um processo mediante o qual os indivíduos e os grupos interagem e produzem a própria sociedade. Neste sentido, a metáfora não seria um ornamento sem que seja parte constitutiva do pensamento e da sociedade. A metáfora é uma propriedade universal da mente e que está presente em todas línguas e sendo sua função cognitiva principal representar objetos “distantes e desconhecidos” em termos familiares e os conceitos abstratos em termos de conceitos não abstratos.

Revista Veja São Paulo e corpus de análise

A revista *VEJA São Paulo*, editada pela editora Abril, é o suplemento da revista *Veja* para a cidade de São Paulo e região e se propõe a um modelo de jornalismo comercial, com fins lucrativos. Também conhecida como *Vejinha*, faz a cobertura jornalística da cidade de São Paulo, tem periodicidade semanal e distribuição na capital e em 111 cidades num raio de 100 km. Criada em setembro de 1985, traz hoje em suas mais de 150 páginas (em média), reportagens que relatam problemas, serviços, cultura, roteiros de consumo gastronômico ou cultural, dentre outras abordagens. Em seu Kit de Mídia (material comercial autopromocional de apresentação da publicação a possíveis anunciantes) o produto editorial se coloca focado em três pilares: *Dar um leque de opções com o que há de melhor na cidade; Visitar os lugares com critério para evitar que o leitor tenha decepções; e Mostrar as atrações da cidade de um jeito que nenhuma outra publicação consegue.* Segundo a editora Abril, a revista *VEJA São Paulo* possui:

Foco total nos consumidores que procuram as melhores atrações da sua cidade. A revista de São Paulo. Além de contar o que acontece de mais relevante na vida de São Paulo e com seus personagens, *Vejinha* tem o compromisso de apresentar ao leitor, em reportagens e Roteiro da Semana, as melhores opções em matéria de entretenimento, lazer, programas e serviço. (VEJA SÃO PAULO, 2013)

Uma das formas muito exploradas por Vejinha é o jornalismo de serviço que “[...] se estrutura em forma de relato a partir de informações objetivas associadas e orientações didáticas, esclarecimentos ou guia ao leitor sobre concursos, oportunidades e mudanças em serviços públicos ou de interesse da comunidade.” (VEJA SÃO PAULO, 2013). Além dessa forma, também destacamos a cobertura da cidade de São Paulo feita com reportagens sobre problemas urbanos, segurança, mobilidade, moradia, cultura, qualidade de vida, entre outros. Por ser um suplemento destinado à prestação de serviço sua parte destinada a anúncios, classificados e roteiros culturais tomam a maior parte da publicação, restando as outras páginas para os discursos jornalísticos que serão nosso foco de interesse (reportagens, entrevistas, notas, crônicas, dentre outros).

Quanto ao público-leitor, o Kit de Mídia informa que ele é composto pelo mesmo público da revista *Veja*, ou seja, 86% pertencem às classes A e B. Esses leitores, ao consumir o conteúdo da revista, produzem sentidos específicos sobre a cidade, com influência dos contextos os quais estão inseridos. Segundo dados são 748 mil leitores, sendo 52% mulheres e 69% adultos (entre 20 e 49 anos). A revista é atualmente composta pelas seguintes seções fixas: *VEJA São Paulo* Recomenda, A Opinião do Leitor, *Veja*saopaulo.com, Seja o Crítico, #vejasp no Instagram, Mistérios da Cidade, Memória, Terraço Paulistano, Paulistano Nota Dez, Esquina da Moda, Bichos, As Boas Compras, Liquidações, Roteiro da Semana, e uma crônica, de Ivan Ângelo ou Matthew Shirts, localizada na última página. Há ainda as editorias que variam conforme os assuntos da semana, denominadas a partir do tema abordado na reportagem, como Cidade, Consumo, Comportamento, Comida, Noite, Moda, Perfil, Turismo, Transporte, Trânsito, Shows, Drogas, Polícia, Solidariedade entre outras. Geralmente são essas as sessões que nos despertam mais interesse, pois a maior parte dos textos informativos estão publicados nessas seções da revista.

O corpus de análise desta investigação é decorrente de uma seleção dos textos no período entre 2005-2012, que trouxessem o tema infância (e/ou correlatos) interrelacionado com a situação de rua. Para tal, encontramos seis ocorrências: *Profissionais* (ANGELO, 2005); *Crianças de rua* (ANGELO, 2006); *Um lar para bebês* (CALSAVARA, 2006); *Sinal vermelho para a esmola* (BRANCATELLI, 2006); *Profissionais da esmola* (SOARES, 2009) e *Teatro das ruas* (ANGELO, 2009);

Cabe explicar que, em relação aos gêneros jornalísticos (MELO, 2006), presentes em nosso corpus, três dos textos são crônicas, ou seja, pertencem ao gênero opinativo: *Crianças de rua* (ANGELO, 2006); *Profissionais* (ANGELO, 2005); *Teatro das ruas* (ANGELO, 2009). Os outros três textos restantes tratam da reportagem, ou seja, do gênero informativo: *Profissionais da esmola* (SOARES, 2009); *Sinal vermelho para a esmola* (BRANCATELLI, 2006). Em nossa análise, não faremos distinção do texto quanto ao gênero, pois nosso objetivo é analisar os discursos jornalísticos que estão presentes em todos os gêneros, indiferentemente de gênero. Além disso, como enuncia o pesquisador Francisco de Assis:

[...] categorias buscam tão-somente sinalizar a *principal* finalidade dos conteúdos jornalísticos, uma vez que as fronteiras entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço não são extremamente rígidas, a ponto de que um gênero possa ser considerado puro. (ASSIS, 2010, p. 17)

Análise do corpus

Utilizamos um protocolo de análise que identifica, em cada texto, a prática discursiva corrente e a representação da criança carente e/ou em situação de rua. Analisamos os textos a partir da ordem cronológica de suas veiculações. Nossa primeira análise recaí sobre o texto *Profissionais* (ANGELO, 2005), crônica que aborda os pedintes nas ruas da cidade de São Paulo. Embora a criança de rua não esteja no foco do texto, o fato de ela ser citada em alguns pontos, faz com que seja possível a análise de suas representações. Identificamos uma dualidade discursiva que marca a

representação da criança no texto. Ao mesmo tempo em que um discurso do caráter normativo traz uma representação da criança como um ser estranho à dinâmica do urbano – por pedirem esmolas, estarem malvestidas, etc. –, o texto também é atravessado por uma prática discursiva moralista que condena a exploração que as crianças sofrem ao serem usadas por seus pais para pedir esmolas. Os pais, por sinal, são tidos como vadios no texto, que usam as crianças para sensibilizar o público. Como propõe Halliday (1978), as crianças, assim como seus pais, são a Antisociedade.

Por conta disso, e de outros fatores presentes no texto, que o autor chama os pedintes de profissionais, uma metáfora para o golpista ou usurpador, sugerindo textualmente que a situação “é meio de vida, não circunstância” (ANGELO, 2005). A prática discursiva é uma tentativa de normatização do ambiente urbano que busca padrões elitistas e a supressão dos pobres no discurso jornalístico, sintomas provenientes de um modelo mental dominante, que condena e criminaliza a pobreza.

Por fim, ao tratar da exploração infantil, o texto não toma como referência sua condição de vítima, mas foca em reivindicar punições severas aos pais, julgando-os como criminosos, segue o trecho. “O pior é quando usam crianças, duplamente vítimas. Já foi feita uma lei para prender mães e pais que põem crianças a pedir pelas ruas. Resolve? Se não há cadeia para bandidos armados, há de haver para os coitados? (ANGELO, 2005)

O segundo texto analisado é a crônica *Crianças de rua* (ANGELO, 2006) que narra um episódio no qual o autor (também protagonista do texto) está em um restaurante e escuta a conversa da mesa ao lado. No bate-papo, os integrantes mostram-se espantados com o número de crianças de rua na cidade de São Paulo, então 1.030. Um primeiro aspecto que nos chama a atenção é o fato de o texto se desenvolver a partir da exposição numérica. Entendemos que nisto se configura uma primeira representação da criança: um número. Podemos ler dessa maneira a partir

do conceito de *biopolítica*, cunhado por Michel Foucault (2010), no qual, o autor propõe uma teoria sobre o investimento do Estado para controle da população a partir da análise de dados estatísticos.

É razoável compreender que, ao expor argumentos estatísticos de forma naturalizada (em uma conversa entre pessoas supostamente amigas), o discurso demonstra a força das convocações da *biopolítica* em relação ao espaço urbano. O espanto das pessoas da conversa só ocorre quando esse número é considerado baixo, como no trecho: “[...] só? Quem contou? Como contou? A pessoa não sabe detalhes, é dessas que se informam pelas manchetes.” (ANGELO, 2006). O texto ainda narra alguns argumentos moralistas ou reacionários, dentre os quais o planejamento familiar e a esterilização são práticas defendidas, por membros da conversa, como formas de normatizar a sociedade em torno do problema. Em outras palavras, podemos compreender que as crianças são o que Halliday (1978) define como a Antisociedade, uma antítese à prática discursiva hegemônica.

Diante disso, as representações da criança de rua trazidas pelo texto são: delinquente (“furtando e cheirando cola”); descartáveis, ou corpos a serem disciplinados em instituições como é o caso da antiga Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), que no senso comum é compreendida como uma prisão para menores; e miseráveis. Algumas dessas são compreendidas no trecho:

O número se refere só às crianças que moram na rua? E as crianças de rua da periferia, foram contadas? E aqueles que a gente vê, ao passar de carro por bairros afastados, empinando pipa na hora da escola, jogando bola — contaram? Ou será que só contam as que perambulam pelo centro e por bairros próximos pedindo dinheiro, furtando e cheirando cola? Contaram aquelas que são levadas por mulheres adultas para pedir dinheiro. Ou soas que buscam nas ruas um magro dinheiro, encenando penosos shows de malabares, vendendo pacotinhos de bala, lavando vidros dos carros catando latinhas, esmolando — contaram essas? (ANGELO, 2006)

Isto nos leva a crer que a criança carente e suas questões básicas não são recebem tratamento específico na publicação, que reproduz o modelo mental

dominante, a partir da locução do jornalista, no que tange às prioridades da cidade. Não há menção sobre direitos da criança ou do adolescente e ainda há uma ironização do papel educador da Febem, produto de uma ideologia do consenso sobre a ineficácia da instituição. Ao final da crônica, o autor se ausenta do contexto da conversa e relembra de sua infância e de seu contato com crianças de um reformatório que eram obrigadas a trabalhar a arrancar matos que crescia por entre os paralelepípedos das ruas. O fato de ele citar um reformatório demonstra que as instituições disciplinares (FOUCAULT, 2002) se traduzem, no discurso corrente, como uma expectativa para a solução da questão da criança carente: "Não sei se era um bom sistema, nada sei dos resultados nem do alcance. Meu mundo não passava da equina. Os meninos pareciam tranquilos, assumindo a obrigação". (ANGELO, 2006).

Fica claro neste texto que as crianças em situação de rua são representadas como diferentes às outras, por se inserirem no ambiente urbano como a ele e, especialmente por merecerem métodos disciplinares de controle.

A reportagem *Um lar para bebês* (CALSAVARA, 2006) é o terceiro texto da revista no qual analisaremos o discurso com o objetivo de compreender a representação da criança de rua. Para além da situação de rua, a reportagem aborda recém-nascidos abandonados pelos pais e a inauguração da *Casa Bakhita*, casa de acolhida específica para crianças até 6 anos.

Podemos adiantar que o texto é o único de nossa análise em que a questão da criança e de seus direitos são centrais. Entretanto, a julgar as condições de produção do discurso (ORLANDI, 2009) percebemos que este tem o viés de publicizar as ações da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). Logo, muito pouco se fala das crianças ou de seus direitos, ao passo que as menções a inauguração da nova instituição são predominantes no texto. Essa publicização pode ser encarada como uma tentativa da ideologia do consenso, exposto por Fowler (1991).

Compreendemos que, ao falar de uma instituição que possa amparar recém-nascidos em situação de rua, mostra-se também a possibilidade de controle para esses indivíduos. Assim, a representação da criança é de um corpo a ser disciplinado e controlado pelo Estado, que está cumprindo sua função. Algo como no popular: "Cortando o mal pela raiz" e em acordo com o que Foucault define como *biopolítica*.

O procedimento de publicização das políticas públicas em torno de questões relacionadas, direta ou indiretamente com a criança de rua, é percebido também no texto *Sinal vermelho para a esmola* (BRANCATELLI, 2006), publicado em dezembro de 2006, dois meses após o texto que acabamos de analisar. Em linhas gerais, a reportagem narra a história de pessoas que pedem esmolas nos semáforos da cidade de São Paulo. Estas utilizam as crianças como suporte. Nada incomum ao que observamos em algumas das análises até então.

As estratégias de publicização das políticas públicas são expostas no texto com o anúncio de uma bolsa-auxílio que seria ofertada para que as pessoas não pedissem mais esmolas nas ruas. Ou seja, o discurso presente faz coro para políticas de caráter higienista característica para controlar a população de rua, em busca da normatização do espaço urbano. Segue o trecho:

Para tentar coibir a doação de dinheiro nos semáforos, a secretaria criou a campanha *Dê Mais que Esmola, Dê Futuro*, na qual agentes sociais passam noites rondando os cruzamentos com o objetivo de tirar as famílias das ruas. Os 120 funcionários, que ganharão o reforço de outros 200 agentes nas próximas semanas, já cadastraram 1000 crianças nos programas sociais da prefeitura desde o começo do ano. (BRANCATELLI, 2006)

Quanto às representações das crianças, novamente são tidas como pedintes e exploradas pelos pais. Diante desse contexto, a revista lança mão de um discurso moralista e dicotômico, muito semelhante ao primeiro texto analisado, *Profissionais* (ANGELO, 2005). Ao mesmo tempo em que condena quem explora as crianças para

pedir esmolas, em certa medida, também explora a imagem da criança para publicizar uma política pública, por meio de uma exposição que, além de ser discutível sob o aspecto ético, busca a humanização da criança e condenação dos pais. Veja abaixo:

Janaína, 8 anos recém-completos, brinca com um bebê de brinquedo que, como ela, está cheio de fuligem e com roupas carcomidas. Seu playground é a calçada da Rua Amauri no Itaim Bibi. A garota, sua irmã um ano mais velha e dois primos trabalham ali de segunda a domingo, das 10 da manhã às 7 da noite, pedindo moedinhas aos motoristas que passam apressados. Janaína diz que “nem liga” de ficar tanto tempo na rua. Enquanto não está esmolando ou brincando com Dadá, sua boneca, ela pensa no presente de que poderá ganhar no Natal. “Quero um relógio cor-de-rosa ou uma bicicleta”, diz ela. “Minha mãe falou que, se eu conseguir bastante dinheiro no farol, ela me dá” (BRANCATELLI, 2006)

Vale ressaltar que o texto também apresenta argumentos em concordância com a biopolítica, pois justifica as ações a partir de estatísticas, como o fato de quatro em cada dez cidadãos de São Paulo darem esmolas, as 2.000 crianças e adolescente que trabalham nos semáforos da cidade, os ganhos em dinheiro, etc.

Profissionais da esmola (SOARES, 2009) é quinto texto a ser analisado. A reportagem, publicada em agosto de 2009, traz uma série de personagens e episódios relacionados à mendicância e condenando a prática da pedinte. A representação dos pedintes por todo o texto apoia-se em uma construção metafórica do termo ‘Profissional’, sendo eles atores que encenam mendicância, assim desmoralizam os pedintes, generalizando que enganam a quem contribui, aspecto semelhante ao que vimos no texto *Profissionais* (ANGELO, 2005). A figura da criança está representada entre esses personagens, novamente a partir da exploração por parte de seus pais.

Há algumas matrizes discursivas que podemos destacar no texto: a moralização da esmola; a esmola como metáfora do dinheiro fácil; a ridicularização

dos pedintes, quando fala que eles se fantasiam; e a transferência de responsabilidade para o cidadão que contribui com o pedinte.

No box intitulado *Com o suor das crianças*, a reportagem traz, de fato, as crianças, ao relatar uma família que vai aos fins de semana à rua Oscar Freire (rua de comércio de luxo de São Paulo) pedir esmolas. Novamente, a prática discursiva corrente no texto condena moralmente a prática de exploração das crianças para pedir esmolas, juntamente com a encenação. Como marca da prática discursiva moralizadora, e de consenso, é interessante observar a defesa que é feita da criminalização da esmola. Com esse procedimento o discurso transforma o que é uma questão de assistência social em um caso de polícia.

Na mesma edição de 19 de agosto de 2009, foi publicada a crônica *Teatro das ruas* (ANGELO, 2009). O texto traz uma comparação irônica entre os artistas que se apresentam nos semáforos, como malabaristas, e os pedintes, aos quais o autor trata metaforicamente como artista, pois encenam situações para pedir esmolas. O autor lança mão inclusive de condenar a dramatização, chamando-a de patética. Não por acaso ou coincidência, é a mesma prática discursiva do texto *Profissionais* (ANGELO, 2005), no qual o mesmo autor coloca o sem-teto como alguém que engana o cidadão ao pedir esmolas.

A representação da criança é dada diante desse aspecto de ridicularização, ao qual o autor se propõe em todo o texto, ou seja, um estranho ao ambiente urbano. Isso demonstra que, para a prática jornalística explicitada no texto, o morador de rua é sempre um outro, que deve ser retirado das ruas, seja por argumentos de normatização, ou até as últimas instâncias, com um argumento de ridicularização dessa população. Para sintetizar nossa análise, apresentamos a seguinte tabela:

Tabela 1: Resumo da Análise

Texto	Prática discursiva corrente	Representação da criança carente ou em situação de rua
Profissionais (ANGELO, 2005)	Antisociedade, Metáfora; e modelo mental dominante	O outro; um estranho em relação ao ambiente urbano e à sociedade; e vítimas dos pais.
Crianças de rua (ANGELO, 2006)	Biopolítica, Ideologia do consenso, e Antisociedade	Uma estatística; delinquentes; descartáveis ou corpos a serem disciplinados; um estranho em relação ao ambiente urbano; e crianças diferentes das demais.
Um lar para bebês (CALSAVARA, 2006)	Ideologia do consenso, e Biopolítica	Corpos que precisam ser controlados.
Sinal vermelho para a esmola (BRANCATELLI, 2006)	Ideologia do consenso, e Biopolítica	Pedintes; e vítimas dos pais.
Profissionais da esmola (SOARES, 2009)	Metáfora e Ideologia do consenso	Pedintes; e vítimas dos pais.
Teatro das ruas (ANGELO, 2009)	Metáfora e biopolítica	O outro, um estranho em relação ao ambiente urbano e à sociedade.

Fonte: Produzida pelos autores

Considerações finais

A partir de nossa investigação, chegamos à conclusão que a representação da criança em situação de rua nas páginas da revista *Veja São Paulo*, durante o período compreendido entre 2005 e 2012, é regido por dinâmicas de exclusão e marginalização, por meio de um discurso baseado em moralização, ideologia do consenso (FOWLER, 1991), criminalização e exclusão, pois, na maioria das vezes elas são tidas como cidadãos de segundo nível, com direitos limitados ou nulos sobre o uso da cidade. Estes são sempre eclipsados nos discursos jornalísticos da revista. Ainda que, na maioria dos casos são feitas denúncias da exploração que sofrem dos adultos para pedir esmolas.

A análise de discurso foi fundamental para a nossa investigação, pois pudemos tomar o texto a partir de uma abordagem na qual a ideologia, o histórico e o social atuam. Sobre os conceitos de *Sociedade* e *Antisociedade*, cunhados por Halliday (1978), podemos entender que a publicação investigada define as crianças em situação de rua como parte da *Antisociedade*, pois sua existência é representada como ilegítima, proibida e não como produto do abuso de poder da chamada Sociedade. Já a partir do conceito teórico da metáfora, podemos compreender que nos discursos, ela tem a função de ser um mecanismo sociocognitivo empregado para construir significados. Em especial citamos os casos nos quais a mendicância é relacionada com a encenação teatral. Vale mencionar que a metáfora é usada para transpor algo de um campo semântico a outro. Quanto aos conceitos de *biopolítica*, compreendemos que ele se faz presente nos discursos, que de certo modo, reproduz a ideologia dominante e também as políticas públicas.

Podemos finalizar afirmando que a questão da criança em situação de rua só é trazida no veículo, quando outras questões (como mendicância ou a normatização urbana) são protagonistas, relegando as crianças a um segundo ou terceiro plano.

Referências

- ANGELO, Ivan. Profissionais. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 1915, 27 Julho 2005.p. 134
_____. Crianças de rua. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 1941, 1º Fevereiro 2006. p. 126
_____. Teatro das ruas. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 2138, 19 Agosto 2009.p. 154
- ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Alceu**, PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. II, n. 21, p. 16-33, jul./dez. 2010.
- BOURDIEU Pierre. **¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos**. Madrid: AKAL Universitaria, 1985.

BRANCATELLI, Rodrigo. Sinal vermelho para a esmola. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 1985, 6 Dezembro 2006. p. 22-23.

CALSAVARA, Katia. Um lar para bebês. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 1977, 11 Outubro 2006. p. 61.

CHILTON, Paul. Metaphor, Euphemism and the Militarization of Language. **Journal of Peace and Violence**, TAPRI. vol. 10 n. 1. 1987. p. 7-19.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes., 2010.

FOWLER, Roger. **Language in the News. Discourse and Ideology in the Press**. London: Routledge, 1991

HALLIDAY, Michael A.K. **El lenguaje como semiótica social. La interpretación social del lenguaje y del significado**. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1998.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Barcelona: Cátedra, 1991

MELO, José Marques de. **Teorias do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PREFEITURA DE SÃO PAULO; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE; SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – SMADS. **Censo da População em situação de rua da cidade de São Paulo, 2015 - Resultados**. São Paulo: Fipe, 2015.

MARTÍN ROJO, Luisa e VAN DIJK, Teun. There was a Problem, and it was Solved: Legitimizing the Expulsion of Illegal Migrants in Spanish Parliamentary Discourse. **Discourse and Society**, UPF, Barcelona, Vol. 8(4), 523-566, 1997

SOARES, Fábio. Profissionais da esmola. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 2138, 19 Agosto 2009. p. 32-43.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SONTAG, Susan. **La enfermedad y sus metáforas y el SIDA y sus metáforas**. Madrid: Taurus, 1996.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2especial1p211>

VEJA SÃO PAULO. Mídia Kit VJSP 04-03-13. **Publiabril**, 5 maio 2013. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/vejasaopaulo/internet/informacoes-gerais/>>. Acesso em 5 de maio de 2013

VICO, Gianbattista. **New science**. Nueva York: Penguin Books, 1999.